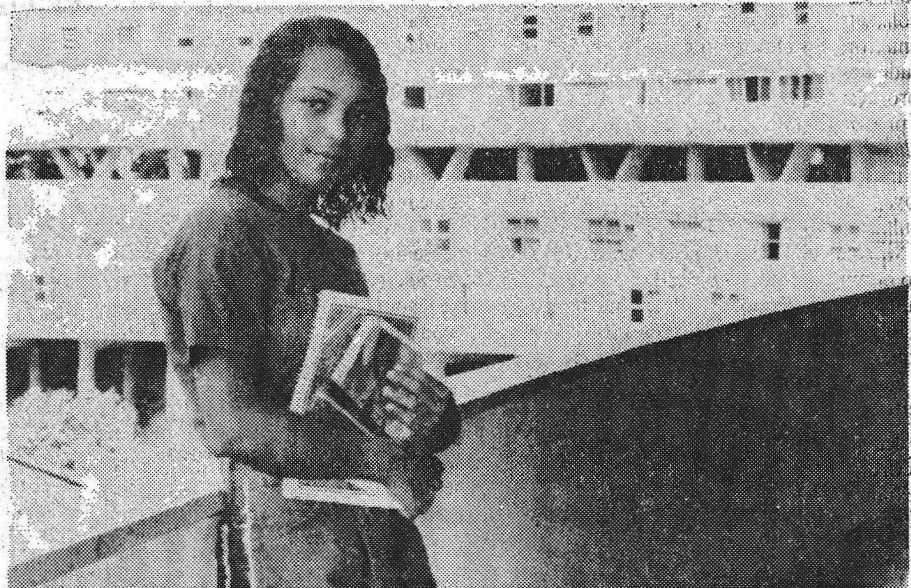




Paraibana Josélia aprendeu a ler quando deixou o Mobral

Mobral nada ensinou a Josélia

A paraibana Josélia Maria da Silva, 25 anos, passou um ano no antigo Mobral e saiu do jeito que entrou: analfabeta. Não conseguiu livrar-se de uma situação que a afligia a ponto de perder a conta das vezes que chorou diante de um texto que não podia decifrar. "É a pior coisa que existe", diz.

A vida de Josélia começou a mudar somente de três anos para cá, quando passou a freqüentar as aulas da professora Antônia Pincano, a *Tonica*, técnica da Fundação Educar e ex-alfabetizadora do Mobral, que atualmente alfabetiza uma turma de adultos em sua casa, em Botafogo. "Descobri que há várias maneiras de escrever a letra *a*. Se eu não souber de um jeito pode ser de outro", vibra. "A *Tonica* tem mais jeito para entender a gente", explica Josélia. "No Mobral, a professora não dizia coisas que nos interessavam", conta.

Antônia Pincano explica que o treinamento que os alfabetizadores recebiam no Mobral era "absolutamente improdutivo", durava no máximo duas semanas e dirigia-se a mais de 200 pessoas ao mesmo tempo. "Nunca se levava em conta o que o aluno trazia, o que ele já conhecia. O analfabeto sempre foi tido como um pária da nação", diz Antônia, que em seu contato com os alunos faz passeios de metrô, leituras de jornais e chegou a acompanhá-

los para tirar o título de eleitor, antes das últimas eleições.

Nas aulas, que compartilha com mais sete alunos, Josélia lida com materiais como atlas, bingo de palavras e uma Bíblia em quadrinhos, que deveria ter utilizado durante o período em que estava no Mobral. Segundo Antônia, que prepara na PUC uma tese de mestrado sobre educação de adultos, havia um exemplar de cada uma dessas peças para cada aluno do Mobral, mas eles jamais as receberam. Antônia conseguiu "salvar" um exemplar de cada para utilizá-los em aula.

"Adoro aqueles jogos. Fazem a gente quebrar a cabeça para formar palavras. Quando esqueço alguma letra, eles me ajudam a lembrar", diz Josélia. Em pregação doméstica, ela chegou até *Tonica* através de uma de suas patroas, amiga da professora.

Mais uma vítima da ineficiência do sistema de ensino, que não é capaz de manter os alunos nos bancos escolares, Josélia conta que, durante a infância na pequena cidade de Itabaiana, na Paraíba, "preferia brincar em vez de ir para a escola". Mas como todos os que não se alfabetizam, ela se culpa por não ter sido atraída pela escola. "Hoje, eu me arrependo muito".